

## **Arquitetura Contemporânea e o Diálogo com o Passado: Estudo de Caso do Metropol Parasol**

*Contemporary Architecture and Dialogue with the Past: Metropol Parasol Case Study*

*Arquitectura Contemporánea y Diálogo con el Pasado: Caso de Estudio de Metropol Parasol*

**Maria Carolina dos Santos Costa**

Arquiteta e Urbanista, FTPE UNILINS, Brasil.  
mcarolina.stcosta@gmail.com

**Juliana Cavalini Lendimuth**

Doutoranda, IAUUSP, Brasil.  
arq.julianacavalini@hotmail.com

## **RESUMO**

A finalidade deste trabalho é compreender a relação dialógica do edifício Metropol Parasol com seu entorno, a cidade de Sevilha. O projeto, com forma orgânica, é do arquiteto Jürgen Hermann Mayer e foi construído entre 2005 e 2011. O Método da Arquitetura Dialógica busca compreender se as relações entre texto (obra) e contexto (lugar) são harmônicas, respeitando o tempo, o lugar e o entorno. O entorno/contexto, é formado pela história das cidades, a identidade e o meio ambiente natural existente. A pesquisa será fundamentada nas teorias de Ricoeur (2003), Muntañola (2000) e Bakhtin (1999), avaliando a relação entre o Metropol Parasol e seu contexto nas dimensões cronotópicas: do projeto (prefiguração) da construção (configuração) e do uso social (refiguração).

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura Dialógica. Contexto.

## **ABSTRACT**

*The purpose of this work is to understand the dialogical relationship between the Metropol Parasol building and its surroundings, the city of Seville. The project, with organic form, is by architect Jürgen Hermann Mayer and was built between 2005 and 2011. The Dialogical Architecture Method seeks to understand whether the relationships between text (work) and context (place) are harmonious, respecting time, place and the surroundings. The surroundings/context, is formed by the history of the cities, the identity and the existing natural environment. The research will be based on the theories of Ricoeur (2003), Muntañola (2000) and Bakhtin (1999), evaluating the relationship between Metropol Parasol and its context in the chronotopic dimensions: of the project (prefiguration) of the construction (configuration) and social use (refiguration).*

**KEYWORDS:** Dialogic Architecture. Context.

## **RESUMEN**

*El propósito de este trabajo es comprender la relación dialógica entre el edificio Metropol Parasol y su entorno, la ciudad de Sevilla. El proyecto, con forma orgánica, es del arquitecto Jürgen Hermann Mayer y fue construido entre 2005 y 2011. El Método de Arquitectura Dialógica busca comprender si las relaciones entre texto (obra) y contexto (lugar) son armoniosas, respetando el tiempo, el lugar y los alrededores. El entorno/contexto, está formado por la historia de las ciudades, la identidad y el entorno natural existente. La investigación se basará en las teorías de Ricoeur (2003), Muntañola (2000) y Bakhtin (1999), evaluando la relación entre Metropol Parasol y su contexto en las dimensiones cronotópicas: del proyecto (prefiguración) de la construcción (configuración) y uso social. (refiguración).*

**PALABRAS CLAVE:** Arquitectura dialógica. Contexto.

## INTRODUÇÃO

Com o objetivo de criar projetos inovadores para se tornarem reconhecidos mundialmente, muitos arquitetos acabam optando por fazer obras com proporções/formas/materialidades diversas e incomuns, considerando apenas seu projeto, sem levar em consideração o todo.

Ao criar um novo projeto, o arquiteto deve respeitar a história daquele lugar, buscando interagir com o entorno de maneira harmoniosa, para que o projeto não descaracterize o lugar, principalmente se esse lugar for um centro histórico, o qual tem valor imensurável para os seres humanos.

Os conjuntos históricos fazem parte do cotidiano da sociedade, é por meio deles que as pessoas respondem a diversidade, já que são a presença viva do passado, sendo as testemunhas concretas da diversidade cultural, religiosa e social da humanidade. Considerando isso, os mesmos devem ser salvaguardados e integrados na vida contemporânea, sendo imprescindíveis para o planejamento das áreas urbanas (CARTA DE NAIRÓBI, 1976 apud IPHAN, 2004).

De acordo com a Carta de Nairóbi (1976 apud IPHAN, 2004), devido as modernizações e expansões, há riscos de uniformização e despersonalização desses centros históricos, e isso ocasionaria perturbações sociais. Portanto, é dever de cada indivíduo a responsabilidade de preservá-los, pedindo aos poderes públicos que atendam a essa preservação, pois somente assim, pode-se garantir que não aja deterioração ou desaparecimento total dos mesmos.

Cada conjunto histórico apresenta sua própria configuração morfológica específica, com projetos que evidenciam uma memória e uma identidade cultural que devem ser respeitadas por meio dos métodos de intervenção: conservação, preservação, restauração e reabilitação (MARTINS, 2016).

O método Dialógico objetiva compreender a relação do edifício com seu entorno, onde neste trabalho será estudado o contexto histórico, urbano, social e econômico de Sevilha. Para isso, a pesquisa será fundamentada dentro das teorias de Ricoeur (2003), o qual trata da Hermenêutica, Muntañola (2000), que trata da topogênese e do cronotopo, e Bakhtin (1999), que trata da narratividade.

As intervenções feitas da maneira correta preservam a memória e a identidade. O passado pode ser compreendido por meio da memória, descobrindo aquilo que entrelaça tempo e espaço. Dessa forma, as obras consideradas patrimônio narraram o percurso da humanidade, atuando como registros temporais, “a glória da arquitetura é fazer presente o não existe mais” (RICOEUR, 2003, p. 10, tradução da autora). “[...] indivíduos e sociedades não podem preservar e desenvolver sua identidade senão pela duração e pela memória.” (CHOAY, 2001, p. 112).

Para isso, os arquitetos devem trabalhar com ética, respeitando o entorno e adequando sempre o projeto ao lugar, levando em consideração a cultura e identidade do meio em que o edifício está ou será inserido.

Da mesma forma que Aristóteles estudava a cidade (*polis*) e a política, Muntañola (2000) afirma que a ética deve estar tão presente na arquitetura e na arte quanto nos estudos políticos, embora atualmente seja observada a resistência por parte de alguns arquitetos em consultar suas raízes éticas antes de tomar decisões espaciais.

Ao longo dos anos as obras arquitetônicas devem transformar o lugar, resultando em muitas tipologias, usos e narrativas intertextuais. Para que exista dialogia a obra deve ser ética, exigindo que os arquitetos conheçam e respeitem as leis locais, e considerarem a comunidade que ali vive.

Para Muntañola (2000) a topogênese não pode sobreviver sozinha, pois ela precisa de medidas políticas e éticas para que possa proteger a vida humana, devendo então, lançar um diálogo múltiplo e complexo. A correlação entre coerência interna e coerência externa do edifício com a cidade, vila ou panorama, é a verdadeira essência do edifício.

O “lugar humano” se desenvolve no cruzamento topogénico entre o projeto arquitetônico (ficção) e o meio construído (história) que se opõem e se cruzam diariamente em uso e percepção do lugar construído. Assim, a hermenêutica de Paul Ricoeur busca a compreensão da natureza e estrutura a dinâmica entre as duas “reconfigurações” genéticas (topogeneticamente) que se complementam (MUNTAÑOLA, 2000, p. 86).

Posto isto, este trabalho busca avaliar o edifício Metropol Parasol, localizado em Sevilha, construído neste século, sendo assim, apresenta uma arquitetura contemporânea. Ele será estudado em três dimensões cronotópicas, sendo elas: prefiguração, configuração e refiguração, afim de saber se ele é dialógico ou não com seu contexto.

## **OBJETIVOS**

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a relação dialógica do edifício Metropol Parasol com seu entorno. Com o intuito de proteger e preservar a história dos conjuntos históricos, pois esses representam a cultura, memória e identidade da sociedade, com valores imprescindíveis para os seres humanos, procura-se saber se os edifícios construídos na atualidade respeitam os locais em que são inseridos. O objeto de estudo deste trabalho será o Metropol Parasol e seu contexto Sevilha.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho será realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica através de textos pertinentes ao tema e para a avaliação do objeto de pesquisa será utilizado o Método da Arquitetura Dialógica. O Método é fundamentado por Mikhail Bakhtin, Paul Ricoeur e Joseph Muntañola.

Através de uma leitura do objeto de estudo em três fases: a prefiguração (projeto arquitetônico), a configuração (o edifício construído) e a refiguração (uso social da obra), o edifício é avaliado com o seu contexto, onde este se refere ao sítio/lugar onde o edifício está inserido.

## **RESULTADOS**

É primordial, mesmo que rapidamente, apresentar um conteúdo teórico cerca dos temas base para o resultado do trabalho, baseado em interpretação de textos, para buscar e compreender melhor o resultado interpretativo do Metropol Parasol.

### **Memória, Lugar e o Método Hermenêutico**

Para melhor compreender o conceito de memória e sua importância, deve-se saber que as memórias são responsáveis pela construção da identidade da sociedade. “[...] toda e qualquer identidade é construída” (CASTELLS, 1999, p. 23). Toda a matéria-prima fornecida pela memória é processada pelos indivíduos formando sua identidade e cultura. Assim, cada sociedade constrói sua identidade, com idiomas, crenças e culturas diferentes.

A memória é um elo entre passado e presente, portanto, ela carrega por gerações a identidade de um povo, sendo por meio dela possível preservar a identidade cultural. A memória é inscrita nos testemunhos, colocando em ação o passado no presente, Ricoeur (2003) chama isso de <configuração>. Sendo a memória um dever, é vital o trabalho de memória.

“A arquitetura é para o espaço o que a história é para o tempo, uma operação “configurador”” (RICOEUR, 2003, p. 11, tradução da autora). Assim, o espaço arquitetônico é cenário em configuração, sofrendo as ações do tempo, onde edifícios antigos têm ao lado edifícios contemporâneos.

A memória, associada a história, auxilia no desenho contemporâneo, de forma que reestabelece a capacidade comunicativa e cultural da arquitetura. Como fator de valorização do exercício de memória, a história estabelece um processo construtivo autônomo. Dessa maneira, razão e memória são bases na disciplina e no conhecimento da arquitetura (SANTOS, 2016).

O Patrimônio Arquitetônico é o testemunho vivo da memória, perdurando por séculos até os dias presentes, portando a mensagem do passado através dos monumentos. Por apresentarem valor imensurável aos seres humanos e preservação da memória e identidade para as gerações futuras, o Patrimônio deve ser salvaguardado, buscando manter sua existência para as próximas gerações. É considerado monumento histórico, todo bem ou sítio, independentemente de ser particular ou público, urbano ou rural, que tenha uma significação ou um acontecimento histórico (CARTA DE VENEZA, 1964).

Quando houver necessidade excepcional de restauração em um edifício histórico, o projeto de intervenção deve seguir as Cartas Patrimoniais e os Teóricos do Restauro, afim de não descaracterizar o edifício. Segundo Brandi (2014) a intervenção tem como objetivo dar eficiência a qualquer produto da atividade humana, sem cometer um falso histórico, e também, não podendo cancelar nenhum traço da passagem da obra no tempo.

Essas obras arquitetônicas adquiriram grande valor para humanidade por serem registros do que foi vivenciado nesse lugar. O lugar é uma construção ao longo dos anos, as histórias são vivenciadas, estruturando e dando forma a ele, estando em constante modificação.

Os lugares são formados por uma mistura de cenários, paisagens, rotinas e atividades, que dão essência e significado para eles. Para Relph (2018), o tempo é essencial para o lugar, através dele nota-se ações passadas, experiências recorrentes e expectativas de que durem. É perceptível pelo tempo, que até mesmo os edifícios envelhecem e “morrem”.

Sendo o lugar fruto das experiências humanas, sua identidade é única, assim como a das pessoas, existindo em cada lugar um tipo de construção. “O espaço construído é tempo condensado” (RICOEUR, 2003, p. 21, tradução da autora).

O método Hermenêutico é dividido em três fases, prefiguração, configuração e refiguração. De acordo com Ricoeur (2003) a prefiguração é o mesmo que habitar, onde habitar precede o construir. Lugar é uma viagem, não um buraco, é onde tudo acontece, tudo ocorre, sendo a arquitetura uma narrativa. Nessa narrativa, a história não se limita apenas na troca de memórias, ela também é coextensiva com os deslocamentos de um lugar para o outro. Na prefiguração é analisado:

- a) compreensão/ interpretação: compreensão do contexto histórico, cultural, social e identidade do lugar e sua interpretação como forças motoras do projeto;
- b) intencionalidade projetual ou intertextualidade: relação dialógica entre a linguagem arquitetônica

contemporânea e o contexto específico de expressão; c) hibridação: preservação do edifício antigo e sua interpretação, atendendo aos novos usos e valorizando o antigo através do novo; d) contemporaneidade: contraste ou relação com a arquitetura tradicionalista e seus valores atualizados (SALCEDO, et al., 2015).

Ricoeur (2003) relaciona na configuração a relação de espaço arquitetônico com o cenário em transformação, estudando a intertextualidade com os edifícios já existentes e a dimensão temporal e narrativa de projeto arquitetônico. O projeto, que oferece leitura abrangente, deve criar objetos que formem unidade em formas e superfícies limites, tornando-se o enredo da obra. Bakhtin (1999) afirma que a configuração se dá quando o texto (edifício) faz parte da construção do contexto (entorno), assim, o contexto estimula a configuração do texto. Nessa fase são analisados os seguintes elementos:

a) estilo: ordem dos elementos na composição espacial interna e externa, tipologias; b) intertextualidade: relação da arquitetura com o contexto ou entorno; c) historicidade/Inovação: análise da inscrição da nova arquitetura num espaço já construído, sendo que no ato da inscrição dar-se-á a relação entre inovação e tradição; d) morfologia: relação do edifício com os elementos que compõem a morfologia urbana e edilícia do contexto; e) preservação do edifício antigo e sua interpretação, atendendo aos novos usos e valorizando o antigo através do novo; e) contemporaneidade: contraste ou relação com a arquitetura tradicionalista e seus valores atualizados; e) arquitetura tradicionalista e seus valores atualizados; f) materialidade: materiais e tecnologias, sistemas construtivos e acabamentos do edifício como um todo (SALCEDO, et al., 2015).

E por fim, na última fase, Ricoeur (2003) chama de refiguração a leitura em relação à história, sendo chamada também de releitura. Nessa fase, a compreende:

a) qualidade da arquitetura: funcional, relação espaço construído/usuário, conforto ambiental; b) viabilidade social: satisfação dos usuários com o espaço construído (juízo de valores); c) viabilidade econômica: grau de acessibilidade ou apropriação do espaço construído; d) viabilidade urbana: equipamentos coletivos e serviços, transporte público existente no contexto urbano imediato ou entorno; e) viabilidade ambiental: espaços públicos (praças, jardins, parques, etc.) e mobiliário urbano (bancos, telefone, comunicação visual, lixeiras, etc.) (SALCEDO, et al., 2015).

## Arquitetura Contemporânea

O fim do barroco acontece no século XIX, acontecendo posteriormente os estilos Neoclássico e o Eclétismo, que são um “*Revival*” dos períodos clássicos (ZEVI, 2011). Entretanto esses estilos são versões menores das que as obras construídas por exemplo no Renascimento. Segundo Zevi (2011), dos grandiosos edifícios, restam apenas pequenos “cubos”, não existindo mais aquela escala monumental do palácio clássico. Após esses estilos surge o modernismo, que tem como

objetivo implantar o edifício no espaço, como uma reflexão social. Ao invés de paredes com a massa barroca, tem-se divisórias leves, muitas vezes seguindo a métrica do Renascimento, através de divisórias modulares.

Dentro do modernismo tem-se duas correntes. A primeira delas é a corrente funcional, ela surge na América entre 1880 e 1890, mas se formula na Europa através de Le Corbusier. A segunda corrente é a orgânica, o maior arquiteto dessa vertente é Frank Lloyd Wright (ZEVI, 2011).

Entre 1970 e 1990, surge o desconstrutivismo. Conforme Dorfman (2009), o desconstrutivismo não é um movimento nem um estilo, para ele, a estética de desconstrução é uma forma de pensar, de traçar linhas, é o pensamento do pensamento. A arquitetura desconstrutivista é o ato de criar a obra como construção do imaginário, chamada por ele de teatro da vida.

Philip Johnson e Mark Wigley são os primeiros a divulgarem a arquitetura desconstrutivista, em 1988, em uma exposição do MoMA em Nova Iorque. O pensamento dessa arquitetura “vem da percepção da paisagem resultante dos cruzamentos entre espaço da cidade e suas modificações no tempo” (DORFMAN, 2009, p. 79).

No período de poucas décadas houveram diversas mudanças arquitetônicas. Isso deve-se a rápida evolução tecnológica existente na atualidade. Novos materiais, novas tecnologias e a velocidade de informações, tem feito com que novos estilos se manifestem muito rápido e ao mesmo tempo desapareçam mais rápido ainda. Enquanto o período Gótico perdurou por toda a idade média, o Renascimento por séculos, os novos estilos mantêm-se por apenas algumas décadas. Já que não há imutabilidade nem mesmo na língua, não seria possível que houvesse na arquitetura.

Para Zevi (2011), isso acontece porque o espaço é vivo, coincidindo a cultura, interesses espirituais e responsabilidade social. “O espaço está para a arquitetura concebida como arte, como a literatura está para a poesia” (ZEVI, 2011, p. 217). Portanto, os novos edifícios, devem representar o período em que estão sendo inseridos, pois já que não se pode vestir roupas de outro século, não se deve construir como em outro século. Mas ao mesmo tempo, os mesmos devem interagir de forma harmoniosa com os edifícios que já estão lá, porque esses carregam uma carga histórica importante para a sociedade. Como afirma Bakhtin (1999), o texto deve dialogar com o contexto, jamais estudando o texto como objeto isolado.

Neste contexto, essa pesquisa tem por objetivo analisar o projeto Metropol Parasol, inserido no contexto da cidade de Sevilha, Espanha, e avaliar se as relações entre edifício e cidade são harmoniosas e dialógicas.

## **O contexto: Sevilha**

A arquitetura espanhola recebeu diversas influências de estilos devido a sua diversidade histórica e geográfica. A Espanha teve seu desenvolvimento impulsionado pela chegada dos romanos e, assim como toda a Europa, é influenciada pela sua arquitetura e os outros estilos que predominaram durante o século XX. Entretanto a arquitetura espanhola se torna única pelo estilo churrigueresco (figura 1), devido sua extravagância que consegue atingir inclusive os países coloniais.

Figura 1: Arquitetura com estilo Churrigueresco



FONTE: HISOUR

A influência da arquitetura romana acontece, pois, a região fora conquistada por eles em 218 a.C. Depois da queda do Império Romano, o país é tomado por árabes que colaboram com a arquitetura até o século XVI. Durante a Idade Média, a Europa é influenciada por novas técnicas construtivas dando origem à arquitetura medieval.

Sevilha tem sua história diretamente ligada ao Rio Guadalquivir, sendo a cidade um porto fluvial e ponte entre o Oceano Atlântico e o interior da Andaluzia. A cidade nasceu onde o rio já era navegável. As escavações arqueológicas na região de La Cuesta Del Rosario puderam confirmar que os primeiros assentamentos datam do século 9 a.C.

A grande extensão territorial do centro de Sevilha permitiu que, após a destruição de sua primeira população pelos cartagineses, a região desse lugar à cidade romana de Hispalis.

Depois da descoberta da América, Sevilha se torna o centro econômico do Império Espanhol, monopolizando o comércio transoceânico com a Casa de Contratação de Índias desde 1502. Isso deu oportunidade de a cidade ir para a Idade de Ouro das artes e das letras. A época de maior apogeu artístico da cidade foi o Barroco. No século XVII não era bom navegar no Guadalquivir devido ao acúmulo de sedimentos no rio, assim tiveram que melhorar as fortificações e moveram a casa de Contratação de Cadiz em 1717.

No século XIX a cidade foi revitalizada (industrialização, estrada de ferro) coincidindo com o romantismo. O século XX foi transformando a cidade em moderna devido à Exposição Latino-Americana de 1929 e da Exposição Universal de 1992, sendo escolhida como a capital da autonomia da Andaluzia, em 1981.

Posto isto, percebe-se que a arquitetura em Sevilha traz consigo a história de séculos, testemunhando além da história, a cultura do país. Projetar em uma cidade como essa, exige conhecimentos históricos e ética, para que o edifício que será inserido respeite o lugar e insira na paisagem sem prejudica-la. Depois de compreender a história da cidade, será estudado o projeto do Metropol Parasol, seguindo as diretrizes do método e ele será avaliado como um projeto dialógico ou não.

### **O texto: Metropol Parasol**

O Metropol Parasol (figura 2) é um edifício com forma orgânica, construído nas ruínas do antigo convento (de la Encarnación) e do Mercado Público, a obra é do arquiteto Jürgen Hermann Mayer, construído entre 2005 e 2011.



Figura 2: Metropol Parasol



FONTES: ARCHDAILY

Para avaliar a relação cronotópica do edifício com seu contexto/entorno, Sevilha, será feita a avaliação pelo Método Hermenêutico, com as três fases: Prefiguração, Configuração e a Refiguração na conclusão deste trabalho.

*Prefiguração:*

**a) Compreensão/ interpretação:** Ao compreender o entorno do edifício, a história de Sevilha e a cultura espanhola, observa-se que o projeto não levou em consideração o local que foi inserido. Uma cidade histórica como Sevilha deve receber edifícios contemporâneos que respeitem toda a ambiência em que está inserido (GOVERNO DA ITÁLIA, 1972 apud IPHAN, 2004). (Figura 3).

**b) Intencionalidade projetual ou intertextualidade:** Segundo o arquiteto J. Mayer, o projeto tem como função ser um espaço público que proporciona atividades de lazer e comércio. A geometria do projeto descreve um formato de cogumelos na estrutura (KOPPITZ *et al*, 2011). (Figura 3).

**c) Híbridação:** O edifício preserva as ruínas onde foi inserido e se relaciona de forma híbrida quando comparado com os edifícios ao lado, existindo Anastilose, não fazendo uso de um falso histórico. No trabalho de escavação para a construção do estacionamento subterrâneo foi encontrada a antiga urbe romana Hispalis, com ruínas de edificações e vielas e belos mosaicos que estavam sob as ruínas de um convento, instalando assim um novo museu arqueológico (Museo Antiquarium de Sevilla). Para indicar a existência do museu no subsolo, foram utilizadas claraboias espalhadas pelo piso, além delas assegurarem uma conexão entre os ruídos do mercado movimentado e a imobilidade das escavações arqueológicas (COSTA apud VITRUVIUS, 2011). (Figura 4).

**d) Contemporaneidade:** Para a realização do projeto foi feito um concurso e o arquiteto alemão Jürgen Mayer-Hermann venceu com seu projeto. Foi um projeto realizado neste século, buscando formas contemporâneas e tecnologias atuais. (Figura 5).

Figura 3: Metropol Parasol



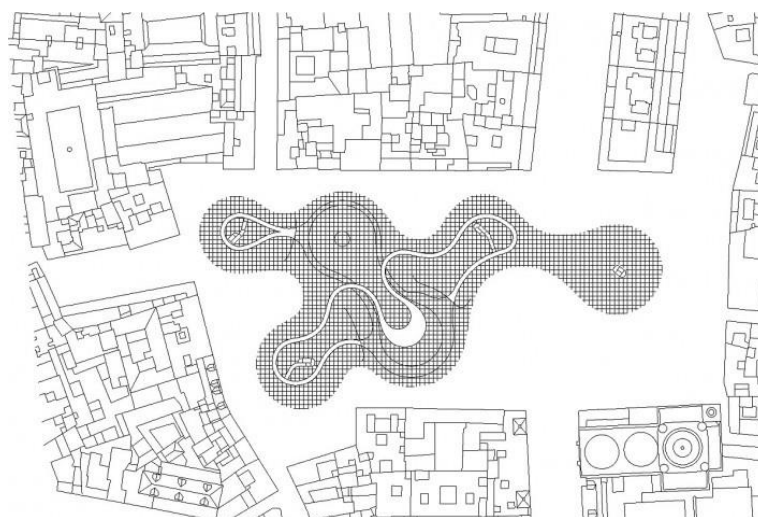
FONTE: ARCHDAILY

Figura 4: Ruínas



FONTE: ARCHDAILY

Figura 5: Planta



FONTE: VITRUVIUS

### Configuração:

**a) Estilo:** Com forma orgânica, o projeto do Metropol, recebe um estilo contemporâneo, com passagens sinuosas sobre os guarda-sóis e o restaurante à 21,5m do solo tem como objetivo atrair os turistas para apreciar a vista da cidade velha (KOPPITZ *et al*, 2011). (Figura 6).

**b) Intertextualidade:** Não há diálogo entre o projeto (texto) e o entorno (contexto). A forma contemporânea é correta, mas não há nenhum elemento que facilite a interação entre os edifícios já existentes e o Metropol.

**c) Historicidade/Inovação:** Em relação ao tempo, existe um respeito entre a obra e as ruínas. Além disso, o edifício não faz cópias/falsificações históricas, mesmo que inserido em um contexto histórico. É um edifício inovador, sendo a maior estrutura de madeira do mundo. (Figura 7).

**d) Morfologia:** Por se tratar de contexto histórico, o edifício deveria valorizar os prédios ao lado. Isso não acontece, a forma orgânica e grandiosa atrai toda atenção para o próprio edifício, onde causa desvalorização dos edifícios ao entorno.

**e) Contemporaneidade:** Construído nesse século, a obra possui formas que lembram cogumelos. Por ser um espaço público cria caminhos que levam as pessoas a vivenciarem o local. A praça elevada corresponde à um grande ponto de encontro multifuncional no centro histórico, juntamente com as largas escadarias ao ar livre que acessam a laje, qualificando e identificando o espaço público (COSTA *apud* VITRUVIUS, 2011). Além da forma contemporânea traz consigo toda a tecnologia envolvida na sua construção.

**f) Materialidade:** A obra foi feita com 3.000 metros cúbicos de madeira laminada extraída de abetos (*Picea abies*). O padrão ortogonal de 1,5x1,5 metros através da forma livre é feito por placas de madeira laminada individual (LVL). Todos os elementos foram revestidos com uma camada de poliuretano de cor creme, como medida de proteção contra as intempéries, o que confirma a esta gigante treliça uma aparência de continuidade e uniformidade, como se fosse feita de um único material. (Figura 7).

Figura 6: Passagens Metropol Parasol



FONTE: ARCHDAILY

Figura 7: Metropol Parasol



FONTE: ARCHDAILY

## **CONCLUSÃO: Refiguração**

O Metropol Parasol foi construído em um centro histórico, onde o estilo predominante das obras no seu entorno é medieval. (Figura 8).

A obra apresenta anastilose, respeitando uma das principais normas da Carta do Restauro (GOVERNO DA ITÁLIA, 1972 apud IPHAN, 2004), onde a autenticidade das obras deve ser salvaguardada, evitando assim um falso histórico. Apesar disso, destoa da paisagem, sendo implantado de forma grotesca, destacando-se mais do que as obras históricas ali presentes, as quais deveriam ter ênfase maior, devido ao seu valor histórico.

A Carta de Atenas (apud IPHAN, 2004) recomenda que não haja interferências de forma alguma, como por exemplo fios de energia elétrica ou publicidade, que possam prejudicar a paisagem dos edifícios históricos. A Carta de Veneza também recomenda que exista equilíbrio nas composições, respeitando o esquema tradicional. Essa recomendação, embora direcionada para o restauro de edifícios, também se aplica a novos edifícios inseridos no centro histórico.

A obra (texto) está inserida de forma inadequada no entorno (contexto). O contexto conta uma história onde o texto não se encaixa, ele não tem harmonia com o pré-existente. O Metropol Parasol não pode ser considerado uma obra totalmente dialógica, pois para isso a obra deveria respeitar todos os aspectos da arquitetura dialógica. Contudo, ela insere uma nova narrativa à história do lugar, e considerando a perspectiva do usuário é um ponto turístico que agradável e hoje é um marco para a cidade.

Figura 8: Texto X Contexto



FONTE: VITRUVIUS

É imprescindível que a tecnologia seja utilizada a favor das obras contemporâneas e que os arquitetos busquem projetar com ética, respeitando a gênese do lugar, compreendendo as necessidades dos usuários e produzindo arquiteturas dialógicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196p.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**, 4ª edição, tradução de: Beatriz Mugayar Kuhl, 2014.

Carta de Atenas, 1933. In: *IPHAN: Cartas Patrimoniais*. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

Carta de Nairóbi, 1976. In: *IPHAN: Cartas Patrimoniais*. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

Carta de Veneza, 1964. In: *IPHAN: Cartas Patrimoniais*. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

Carta do Restauo, 1972. In: *IPHAN: Cartas Patrimoniais*. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. Editora Paz e Terra, 5ª edição. São Paulo, 1999.

COSTA, Carlos Smaniotto. 2011. **Metropol Parasol em Sevilha**. Disponível em:<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.130/4066> 2011>. Acesso em 12 de Set. de 2019.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2001.

DORFMAN, B. **Arquitetura e representação: as casas de papel de Peter Eisenman e textos da desconstrução de Jacques Derrida, anos 60 e 80**. Tese de doutorado, 336p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Porto Alegre, RS 2009.

GOVERNO DA ITÁLIA. Carta de Restauo, 1972. In: *IPHAN: Cartas Patrimoniais*. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

KOPPITZ, Jan-Peter et al. Metropol parasol-digital timber design. In: **Computational Design Modelling**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2011. p. 249-257.

MARTINS, Juliana Cavalini. **Habitação social em centros urbanos consolidados: análise dialógica desde o percurso do projeto ao uso social: São Paulo (Brasil) e Roma (Itália)**, 2016, Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2016.

MUNTAÑOLA, Josep. **Topogénesis: fundamentos de una nueva arquitectura**. Barcelona: UPC, 2000.

RICOEUR, Paul. *Arquitectura y narratividad*. **Revista Architectonics**. Mind, Land & Society, Barcelona: UPC, n. 4, p. 9-29, 2003.

SALCEDO, Rosio Fernandez Baca; COIADO, Paula Valeria; MARTINS, Juliana Cavalini; PAMPANA, Antônio. **Arquitetura Dialógica no Contexto do Centro Histórico: o Método**. In: PASCHOARELLI, Luis Carlos; SALCEDO, Rosio Fernandez Baca. *Interação: panoramas das pesquisas em Design, Arquitetura e Urbanismo*. Bauru: Canal 6, 2015, p.227-238.

SANTOS, Nide. **ARQUITETURA E MEMÓRIA: O palheiro como objeto de identidade territorial**, Dissertação (Mestrado Integrado na Arquitetura) – Universidade de Coimbra, 2016.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. 6ª edição. Tradução de Maria Isabel Gaspar e Gaëtan Martins de Oliveira. São Paulo, 2011.